N.° 366 Anno de 1830.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

Subscreve-se na Tipografia do mesmo Diario rua Direita N.° 267 1.° andar em mezes por 640 reis huma folha que sahirá todos os dias uteis.

SEXTA FEIRA 23 DE ABRIL. *S. Jorge M*

Preamar as 5 horas e 18 minutos da manhã.

Quartel General no Recife 19 *de Abril de* 1830.

ORDEM DO DIA.

OS Senhores Commandantes dos Corpos de primeira, e segunda linha faraõ, que o equipamento esteja bem limpo para se lhe passar revista em ordem de marcha.

Os Senhores Officiaes de primeira, e segunda linha, que queiraõ saber suas antiguidades compareçaõ na Secretaria, onde lhes sera' prezente a relaçaõ destas. Os que tiverem pertençaõ á reforma; aprezentaráõ conforme as ordens, seus requerimentos documentados.

Naõ teraõ deferimento algum, nem seraõ recebidos os requerimentos sobre objectos militares, que naõ forem encaminhados conforme as ordens estabelecidas, e os que naõ passarem pela caixa destinada para os receber, a excepçaõ dos que por motivos, seja forçozo, que pessoalmente se aprezentem; mas so' os poderaõ aprezentar os proprios pertendentes, ou seus procuradores. (Assignado) Antero Joze Ferreira de Brito, Governador das Armas.

Quartel General no Recife 21 *de Abril de* 1830.

ORDEM DO DIA.

Publica-se a' Guarniçaõ desta Provincia o Decreto de 21 de Janeiro deste anno —

DECRETO.

SENDO necessario dezignar quaes os Empregos Militares, que na conformidade do Artigo 4.° da Carta de Ley de quinze de Outubro de mil oitocentos, e vinte sete, saõ incompativeis de se exercerem conjunctamente com as funções de Juizes de Paz, e seos Empregados; e sendo outro sim conveniente, que a Força Armada auxilie com promptidaõ aos mesmos Juizes de Paz. a fim de conseguir-se o dezejado rezultado das attribuições, que lhes confere a Ley de sua creaçaõ: Hei por bem Declarar; 1.° que os Militares de Tropa de primeira linha do Exercito, com excepçaõ dos reformados dezempregados, assim como os Commandantes, Majores, e Ajudantes dos Corpos de segunda linha tem constante impedimento, para o exercicio das funcções de Juiz de Paz, e seo Suplente, e Escrivaõ; 2.° que o serviço Militar dos mais Empregados na segunda Linha, a excepçaõ dos referidos no paragrafo antecedente, cessara' durante o exercicio dos ditos Cargos Civís, para que forem eleitos, devendo communicar-se competentemente a' Authoridade respectiva semilhante eleiçaõ; 3.° que nenhum Empregado Militar da primeira, e segunda linha podera' ser nomeado para Official dos Quarteirões; nem taõbem estes seraõ alistados para o serviço Militar: 4.° que os Commandantes dos Corpos de primeira linha, e bem assim os da segunda por si, e pelos Commandantes de Companhias nos respectivos Districtos, prestem os auxilios requizitados pelos Juizes de Paz, que ficaõ responsaveis pelo abuzo das requizições feitas sem urgente precizaõ, e em maior força que a necessaria para os cazos occorrentes na conformidade dos §. 3.° do Art. 5.° da precitada Ley: ficando assim declarada a Provizaõ do Consêlho Supremo Militar de vinte e tres de Outubro de mil oitocentos e vinte outo, e os Avizos de vinte, e hum de Novembro do mesmo anno, de treze de Fevereiro, quatorze de Março, e nove de Julho; e finalmente, de vinte e dous de

Setembro do anno proximo passado. O Conde do Rio Pardo, do Meu Consêlho, Ministro e Secretario d' Estado dos Negocios da Guerra, assim o tenha entendido, e faça executar com os despachos necessarios. Paço en vinte hum de Janeiro de mil oitocentos, e trinta, nono da Independeucia, e do Imperio

Com a Rubrica de SUA MAGESTADE IMPERIAL.

Conde do Rio Pardo

(Assignado) Antero Joze' Ferreira de Brito, Governador das Armas.

CORRESPONDENCIA.

SNR. *Edictor.* — Em quanto o bordalengo Amiguixo, jornal caturra do Sr. T. X., e do falecido Ministerio, cançado de castrar o erudito LaHarpe, occupase agora em arrumar-nos aos pedaças do-us bojudos livros da Voz da Natureza sobre a origem dos Governos, obra, mandada espalhar pela Regencia de Portugal afim de embaraçar o progresso das luzes, obra em fim, cujo scopo he persuadir, que naõ ha Governo, como o de hum Rei, que governa, como hum Pai governa a seus filhos, sem dar satisfações a Naçaõ, sofisma seductor, mas desmentido a cada passo; pois dá, como provado, que todos os Reis saõ taõ benignos para os Povos, como a mór parte dos pais para os filhos; digne se, Sr. Edictor, fazer imprimir no seu excellente Diario as versões, que lhe irei remettendo do immortal livro — Dialogo dos mortos. — E de quem he este escripto? Do sabio, e virtuosissimo Fenelon, Bispo de Cambray, digno, e respeitavel Mestre do Delfim: esta producçaõ genial de hum dos mais litteratos, e exemplar successor dos Apostolos servira' de excellente constraste as maximas do absolutismo.

DIALOGO 1.°

Xerxes, e Leonidas.

A prudencia, e o valor fazem os Estados invenciveis, e naõ o grande numero dos subditos, e a authoridade ilimitada dos Principes.

Xerxes. — Eu pertendo, Leonidas, fazer-te huma grande honra. Esta' na tua vontade o seres da minha comitiva na morada do Stygio.

Leonidas. — Eu naõ vim a este, se naõ para nunca mais te ver, e por ter repellido a tua tyrannia. Vai procurar os teus escravos, e aduladores. Esta he a companhia, que te convem.

Xerxes. — Que tal o bruto insolente! Hum farroupilha. que só tinha de Rei o nome, e naõ a Auctoridade! Hum capitaõ de bandidos! Que! Tu naõ tens vergonha de te comparar ao grande Rei? Ja' estas esquecido, que eu cobria a terra de soldados, e o mar de navios? Naõ sabes, que o meu Exercito naõ podia matar a sède depois de huma comida sem secar rios inteiros?

Leonidas. — Como ousas gabar a multidaõ das tuas Tropas? Trezentos Spartanos, que eu commandava nas Termopylas foraõ mortos pelo teu Exercito innumeravel sem serem vencidos. Elles naõ sucumbiraõ, senaõ depois de estafados de matar. Naõ vez ali aquellas sombras errantes, que atropeladas cobrem a ribeira? Saõ os 20$000 Persianos, que matamos. Pergunta-lhes quanto hum só Lacedemonio val outros homens, mormente dos teus. O valor, e naõ o numero, he que faz os homens invenciveis.

Xerxes. — A tua facçaõ foi hum acto de furor, e desesperaçaõ,

Leonidas. — Foi hum acto de prudencia, e generosidade. Nós julgamos, que nos deviamos sacrificar a huma morte certa para te ensinar, quanto era custoso reduzir os Gregos a escravidaõ; e dar tempo a toda a Grecia a se preparar para vencer, ou morrer, como nós. Com effeito este exemplo de coragem espantou os Persianos, e reanimou os Gregos esmorecidos. A nossa morte foi muito bem empregada.

Xerxes. — Quanto me peza naõ ter entrado no Peloponezo, depois de haver assolado a Atica! Eu reduzeria a cinzas a tua Lacedemonia, como reduzi Athenas. Miseravel impudente! Eu te teria....

Leonidas. — Naõ estamos mais em tempo nem de injurias, nem de lizonjas. Nós estamos no payz da verdade. Pensas por ventura, que ainda és o grande Rei? Teus thezouros estaõ bem longe: naõ tens mais guardas, nem exercitos, nem fausto; nem delicias. O louvor ja te naõ pode fazer cocegas nos ouvidos. Estás nú, só, e prestes a ser julgado por Minos: mas a tua sombra assim mesmo ainda he colerica, e soberba: naõ estavas mais enfurecido, quando mandavas açoitar o mar. Na verdade tu eras o que

devias ser açoitado por esta extravagancia. . Ainda te recordas d'aquelles ferros dourados, que mandaste lançar no Hellesponto para prender as tempestades? Engraçado homem, que queria domar os mares! Entretanto naõ se passou muito tempo, que fosses obrigado a tornar para a Asia em huma naça, como qualquer pescador. Eis no que vem a parar a louca vaidade dos homens, que querem sujeitar as leis da natureza, esquecendo-se da sua propria fraqueza.

Xerxes. — Ah! Os Reis, que tudo podem (agora o conheço; porem tarde) estaõ entregues a todas as suas paixões. Qual he o meio, que tem quem he homem, de rezistir ao seu proprio poder, e a adulaçaõ d'aquelles que o rodeaõ? Que desgraça naõ he o nascer em taõ grande perigo!

Leonidas. — Eis aqui por que faço mais caso da minha Realeza, que da tua. Eu era Rei com a condiçaõ de levar huma vida dura, sobria, e laboriosa, como o meu Povo. Naõ era Rei, senaõ para defender a Patria, e fazer executar as leis. O Reinado só me dava o poder de fazer bem, sem me permittir o fazer mal (1)

Xerxes. — Sim: mas tu eras pobre, farroupilha, e sem auctoridade. Qualquer dos meus Satrapas erá muito maior, e mais magnifico, do que tu. (2)

Leonidas. — Eu naõ tinha certamente com que romper o monte Athos, como tu fizeste. Até creio, que cada hum de teus Satrapas em sua Provincia roubava mais ouro, e prata, do que possuia-mos em toda a nossa Republica. Mas as nossas armas, apezar de naõ serem douradas, sabiaõ muito bem penetrar nesses homens cobardes, e afeminados, de cuja multidaõ tanto se pagava a tua vaidosa confiança.

Xerxes. — Mas em fim, se eu entrasse logo no Peloponezo, toda a Grecia seria captiva. Nem huma Cidade, nem a tua mesmo, poderia rezistir-me.

Leonidas. — Tambem assim o creio: por isso desprezo o grande poder de hum Povo barbaro, que naõ he instruido, nem aguerrido. Faltaõ-lhes concelhos prudentes; e se ha quem lhos offereça, naõ os sabe seguir, e prefere sempre outros concelhos fracos, ou enganosos.

Xerxes. — Os Gregos queriaõ fazer huma muralha para fechar o Isthmo: ainda naõ estava acabada, e eu ja podia entrar.

Leonidas. — A muralha, he verdade, que ainda naõ estava feita; mas tu naõ eras capaz de embaraçar os que a pertendiaõ levantar. A tua fraqueza foi mais proveitosa aos Gregos, do que a sua mesma força.

Xerxes. — Se eu tomasse esse Isthmo, faria ver....

Leonidas. — Cahirias n'outro erro; porque de força os cometteria hum homem, que como tu, era corrompido pela moleza, pelo orgulho, e aversaõ aos bons concelhos: tu eras mais facil de ser suprendido, do que o isthmo.

Xerxes. — Mas eu nunca fui taõ fraco, e máo, como imaginas.

Leonidas. — Tu tinhas coragem, e bondade natural. As lagrimas, que derramaste ao ver tantos milhões de homens, nenhum dos quaes tinha de existir antes do fim daquelle seculo, assas me convencem da tua humanidade. He este o melhor lugar da tua vida. Se naõ fôras hum Rei absoluto, e afortunado, serias hum homem muito de bem.

Pernambucanos, reflecti nestas maximas, que o virtuoso, e sapientisssimo Prelado de Cambray faz proferir a Leonidas. Esta a linguagem da verdade; estes os sentimentos de hum Bispo, cujo nome respeitavel ainda hoje honra a republica das Letras, o veneravel Clero da França, e a Igreja Catholica: tractai com o devido desprezo as sofisticas doutrinas do livro de Auctor anonymo " Voz da Natureza sôbre a origem dos Governos " A natureza, e a Religiaõ nos ensinaõ o que Fenelon nos diz. Lembrai-vos, que

(1) Isto he o que todos entendem por Monarchia Constitucional: isto he o que nós queremos, e o que naõ desejaõ os Cogumelos Columnas, &c.; porque estes impostores sabem, que o Monarca naõ pode exercer o despotismo por si so': hade carecer de agentes: eilos a bica para pizar os Povos.

(2) Ja ouvi a dous, ou trez chapados Colunmistas dizerem, que mais poder tinha antigamente hum Capitaõ General na sua Provincia, do que o Imperador hoje. Eu creio pelo contrario, que hoje he que o Monarcha do Brazil pode fazer tudo quanto deve fazer: naõ he livre o homem, que faz o que lhe parece: porém sim aquelle, que só faz o que deve.

esse livro, cujos pedaços busca assoalhar o Amigo do Pôvo, he obra de encomenda de Governos absolutos. Sustenta ai Constituiçaõ do Imperio, obedecei, e amai o Grande Imperador, Que a Providencia nos deparou, e deixai ornejar essa récova de bèstas de carga, que naõ se lhes emporta levar com hum azorrague com tanto, que possaõ escoicear a seu gosto. Isto vos afirma

O Trambolhista

Avizos Particulares.

A Pessoa que anunciou no Diario N.° 365 querer alugar huma preta para o serviço de caza, procure na rua de S. Pedro N.° 392.

A pessoa que for capaz de construir hum repuxo de agoa dentro do tabolado do Theatro, cujo impulso suba ao menos a media altura do mesmo, dirija-se a falar com o Emprezario ou com o Director pois se lhe pagara' muito bem, devendo aprompta-lo athe o dia 26 do corrente o mais tardar.

Vende-se.

HUMA venda com poucos fundos antes de chegar ao Cutuvello D. 43, com comodos para huma familia ; na mesma.

Huma negra de idade de 18 annos, sabe engomar, faz renda, lavarintos, e cuzinha ; na Boa Vista no beco do Quiabo N.° 249.

Compra-se.

HUMA tipoia em meio uzo ; quem tiver anuncie por este Diario para ser procurado.

O Sermaõ que pregou o Padre Francisco Ferreira Barreto, em acçaõ de graça pelo juramento do Projeto de Constituiçaõ ; na Typografia deste Diario.

Alluga-se.

ESCRAVOS, ou escravas que saibaõ vender na rua, por semana, ou mez (ficando o Senhorio responsavel pelo extravio que possa haver), quem os tiver anuncie por este Diario.

Noticias Maritimas.

Entradas.

DIA 17 do corrente. — Goianna ; 3 dias, Can. Santa Cruz, M. Caetano Joze de Oliveira, equip. 8, carga algodaõ e caixas, a Joaõ Roprigues de Brito, passageiros Silvano Joze de Brito, e 1 filho, e Antonio Joze Salgado. — Lisboa ; 35 dias, B. Triumpho Amer. M. Manoel Simões, equip. 16, carga generos do Paiz, a Antonio Marques da Costa Soares, passageiros Manoel de Santos e sua mulher Dionizia Antonia, Maria Angelica, e sua filha de menor idade, Joze Paulo Rodriguez, e Maria Gertrudes do Carmo, com tres filhos menores. — Mar Pacifico ; tendo andado a pesca a 29 mezes, G. Amer. Friends, M. J. Chester, equip. 31, carga azeite, a Matheus & Foster. — Rio Formozo ; 24 horas, C. Conceiçaõ do Pilar, M. Manoel Falcaõ, equip. 7, carga caixas e algodaõ, a Joze Antonio Falcaõ, passageiros Mathias Fernandes de Sa' Monis, e 1 escravo, Pedro Joze Rodrigues, Joaõ Lourenço da Silva, Joaõ Botelho de Mello, Joaõ Bento de Mideiros, e Francisco Joze de Freitas.

Sahidas.

DIA 17 do dito. — Unna ; E. Cleopatra, M. Joaquim Gonçalves, passageiro Joaõ Lopes de Lima. — Unna ; Hiate S. Antonio Voador, M. Joaõ Pires Silveira, em lastro. — Parahiba : B. Ing. Phoebe, M. H. Cacoford. = Mar Passifico, por New London ; G. Amer. Friends, M. J. Chester. = Porto de Galinhas ; S. Rainha dos Anjos, M. Manoel Domingos Gomes, em lastro. — Porto de Galinhas ; S. N. S. do Rozario, M. Jeronimo Moreira, em lastro. — Aracatí ; S. S. Rita Carlota, M. Joze Joaquim Alves, carga agoardente, e fazendas, passageiros Manoel Lucas Pereira, Theodora da Silva Salles, Izidro Pereira da Costa, Joaõ Ferreira de Brito, 1 rapaz, Francisco Joze Soares, 2 escravos, Tristaõ Antonio de Castro, sua mulher, e 1 criado, Pedro Joze Carneiro Monteiro, Joze Lourenço da Silva Junior, e 2 escravos, Antonio Manoel da Costa, e Joaquim Emillio Ayris, e 1 escravo.

Pernambuco na Typografia do Diario.